

MARGENS, FRONTEIRAS: A NOÇÃO DE BIBLIOTECA EM ITALO

CALVINO

Maria Elisa Rodrigues Moreira – UFMG/CNPq

elisarmoreira@gmail.com

Resumo: A proposta deste texto é refletir sobre a noção de biblioteca na obra de Italo Calvino, tendo como ponto de referência os estudos sobre a coleção e o livro *As cidades invisíveis*. Nesse sentido, procura-se apontar que a biblioteca aparece na obra de Calvino como lugar de produção de saberes marcado pela reticularidade e pela transdisciplinaridade, espaço no qual o diverso se entrecruza para propiciar uma multiplicidade de sentidos e interpretações do mundo. A literatura de Calvino, assim, pensada como uma biblioteca, possibilita que a leiamos como um lugar de memória, como uma coleção de saberes, como uma reordenação do mundo.

Palavras-chave: Italo Calvino, biblioteca, coleção.

Abstract: The proposal of this text is to reflect upon the notion of library in the work of Italo Calvino, having as a reference the collection studies and the book *Invisible Cities*. In this sense, it seeks to point out that the library appears in the work of Calvino as a place of knowledge production marked by its reticular feature and transdisciplinarity, space in which the diverse is crisscrossed in order to provide a multiplicity of senses and interpretations of the world. Calvino's literature, thus, thought as a library, makes possible its reading as a place of memory, as a collection of knowledge, as a reordering of the world.

Keywords: Italo Calvino, library, collection.

Cada novo livro que leio passa a fazer parte daquele livro abrangente e unitário que é a soma de minhas leituras. Isso não acontece sem esforço; para compor esse livro geral, cada livro particular deve transformar-se, relacionar-se com os livros que li anteriormente, tornar-se o corolário ou o desenvolvimento ou a refutação ou a glosa ou o texto de referência.

Italo Calvino

A biblioteca aparece na obra de Italo Calvino como uma figura emblemática que pode ser pensada como a metáfora de um espaço de produção de conhecimento, em alguns momentos através da constituição temática de seus textos mas, principalmente, a partir da estrutura narrativa que o autor imprime em várias de suas obras. Se a pensamos através da fronteira que a aproxima das teorias do arquivo, outras figuras e questões, que permeiam e perpassam ambas, surgem para o diálogo: o colecionismo, a memória, a transdisciplinaridade, os processos de ordenação e classificação do mundo, a enciclopédia...

Partindo, pois, desse espaço intervalar de aproximação entre a biblioteca e as teorias do arquivo, é possível traçarmos algumas conexões que nos permitem refletir, a partir das margens do arquivo, sobre a noção de biblioteca na obra de Italo Calvino, ressaltando seu aspecto de lugar de saber, de espaço constantemente permeado por outros campos do conhecimento, sejam eles artísticos ou científicos. Pensar a própria literatura como lócus do diálogo entre a ficção e a não-ficção, entre a reflexão teórica e

a prática criativa, enfim, como um texto híbrido e confluyente a partir do qual podem derivar saberes poéticos diversificados.

1 Biblioteca: lugar de saber

A biblioteca é, na obra de Italo Calvino, espaço de multiplicidade e diálogo, um entrelugar a partir do qual se desenvolve o conhecimento, construído a partir de uma perspectiva relacional – é ao se colocar em contato com o outro que o saber narrativo adquire consistência, só quando localizado na prateleira de uma múltipla biblioteca é que um livro define-se, apenas quando lido concretiza-se enquanto produtor de significações: “Os livros são feitos para serem muitos, um livro único tem sentido apenas quando se junta a outros livros, quando segue e precede outros livros” (CALVINO, 2002, p. 127).¹

Essa perspectiva dialógica aproxima-se em muito da noção de rede, na qual cada nó pode relacionar-se com todos os outros, originando-os ou sendo deles originado, intervindo e modificando seu sentido: “o mundo como um ‘sistema de sistemas’, em que cada sistema particular condiciona os demais e é condicionado por eles” (CALVINO, 1995, p. 121), em que “cada mudança implica uma cadeia de outras mudanças” (CALVINO, 2004, p. 137). A biblioteca pode ser pensada, assim, como o *topos* do diálogo entre os mais diversos textos e sujeitos, lugar a partir do qual Calvino pretende tecer uma rede de conhecimentos que depende do coletivo e de interconexões as mais diversas.

¹ Todas as traduções de textos utilizados no original apresentadas ao longo deste artigo são de minha autoria.

Ao colocar-se em contato com o diverso, um livro modifica os outros, bem como o contexto no qual se insere e aqueles que com ele têm contato. Porém, este livro é, ao mesmo tempo, modificado pelos outros. A noção da biblioteca funciona, assim, como metáfora do espaço reticular da produção do saber, espaço onde uma totalidade de objetos nunca completa ou cristalizada relaciona-se constantemente com outros objetos na mesma situação, num processo contínuo e ininterrupto de produção de sentidos no qual a estranheza é mola propulsora do conhecimento:

Tudo isso para que Marco Polo pudesse explicar ou imaginar explicar ou ser imaginado explicando ou finalmente conseguir explicar a si mesmo que aquilo que ele procurava estava diante de si, e, mesmo que se tratasse do passado, era um passado que mudava à medida que ele prosseguia a sua viagem, porque o passado do viajante muda de acordo com o itinerário realizado, não o passado recente ao qual cada dia que passa acrescenta um dia, mas um passado mais remoto. Ao chegar a uma nova cidade, o viajante reencontra um passado que não lembrava existir: a surpresa daquilo que você deixou de ser ou deixou de possuir revela-se nos lugares estranhos, não nos conhecidos (CALVINO, 2004, p. 28).

Os estudos da complexidade alteraram a forma como lidamos com a produção de conhecimento e a estruturamos em instituições mais ou menos formais, exigindo que se lance sobre o mundo um olhar diferenciado do até então solicitado pela concepção moderna de ciência. A inflação exacerbada do conhecimento e sua pulverização e fragmentação disciplinar levaram, simultaneamente, a pesquisas muito avançadas e a uma cada vez maior consciência de que nossa ignorância cresce na mesma proporção, de que é impossível a finalização ou a totalização do saber, de que todo saber é necessária e simultaneamente um não-saber.

Nesse cenário, torna-se cada dia mais urgente a cooperação entre especialistas dos mais diversos campos do saber, é preciso que se lance um “olhar cruzado” sobre o mundo e sobre o próprio conhecimento, recusando a visão hierarquizada e segmentada do mesmo e identificando sua conformação no lugar do múltiplo, tendo a rede como modelo de seu *topos*. Seria, assim, por meio desse olhar cruzado, transversal, compartilhado, que se buscaria articular e produzir um conhecimento religado, que não busque a totalidade que se sabe impossível, mas que possibilite a abertura de novos horizontes para saberes construídos em constante diálogo.

É justamente nesse olhar transversal que identificamos a principal característica da noção de biblioteca em Calvino, como um espaço de diálogo entre os mais diversos conhecimentos, entre os mais diversos textos, e em cujas brechas, deslindes, desbordes se produz um outro saber, um saber narrativo poroso, aberto, interminavelmente conectável e configurado justamente a partir dessas conexões. O romance *Se um viajante numa noite de inverno* é um texto rico para reflexões a esse respeito. O livro narra o percurso do Leitor, protagonista da obra, na tentativa de leitura de um determinado livro, sendo este objetivo impedido pelos mais diversos e improváveis acontecimentos, todos relacionados de alguma maneira a discussões do âmbito da literatura e do conhecimento. Interessa-nos ressaltar o aspecto mais geral dessa trama narrativa e a possibilidade de aproximar a obra, por essa via de acesso, à noção de biblioteca: o leitor acompanha, ao longo do livro, a jornada sem fim do Leitor em busca de um determinado livro, busca essa que sempre o leva a outro livro, e a outro livro, e a outro livro... O Leitor encontra-se em uma biblioteca na qual técnicas narrativas, estilos literários, discussões críticas e teóricas vão constantemente direcionando umas às outras, de modo que a cada passagem entre esses objetos a rede se modifica,

apresentando novos nós e conexões. Na narrativa de Calvino, assim, descobrem-se a cada movimento outras vozes, citações e referências a outros textos e estilos, desdobramentos de uns nos outros, numa rede crescente de narrativas que poderia ser desenvolvida e desdobrada infinitamente.

A biblioteca, assim, é o espaço no qual textos, vozes e campos de saber distintos cruzam-se de todas as formas possíveis, reforçando-se, ecoando-se, neutralizando-se. Através da ideia da biblioteca, Calvino coloca em articulação dentro de um mesmo campo narrativo o que é diverso e reafirma a margem, a fronteira, a borda, como o espaço onde se produzem os saberes:

Um livro é escrito para que possa ser ajuntado a outros livros, para que entre numa prateleira hipotética e, nela entrando, de alguma maneira a modifique, tire de seu lugar outros volumes ou os faça retroceder para a segunda fila, reclame o avanço para a primeira fila de alguns outros (CALVINO, 2002a, p. 193).

(...) quem somos nós, quem é cada um de nós senão uma combinatória de experiências, de informações, de leituras, de imaginações? Cada vida é uma enciclopédia, uma biblioteca, um inventário de objetos, uma amostragem de estilos, onde tudo pode ser continuamente remexido e reordenado de todas as maneiras possíveis (CALVINO, 1995, p. 138).

Agregando essas reflexões ao seu fazer narrativo, o escritor italiano produziu uma obra que é, ela mesma, espaço de diálogo, texto desbordante que transita entre ficção e ensaio, reflexão criativa na qual ciência, literatura e arte são inventariados e transformados em elementos para a composição de um saber outro, que incorpore a diversidade e a certeza de sua impossibilidade de totalização.

Nesse sentido, a biblioteca constitui-se importante lugar de saber, espaço de produção de conhecimentos a partir da convivência, nem sempre harmônica, entre os mais diversos objetos e narrativas, teorias e práticas, que podem instigar a formação de conhecimentos e saberes a partir de uma perspectiva dialógica e reticular. Espaço sempre incompleto e inacabado, a biblioteca requer um pensamento dinâmico e múltiplo sobre si, transdisciplinar e irreduzível à totalização, como o propiciado pela reflexão acerca de alguns aspectos que a envolvem.

2 Bibliotecas, coleções

Para nortear essa reflexão acerca da biblioteca na obra de Italo Calvino, optamos por tomar como base uma figura-chave para as teorias do arquivo, a coleção, e como obra emblemática o livro *As cidades invisíveis*. Nesse livro, o viajante veneziano Marco Polo narra suas viagens e apresenta as cidades que conheceu para Kublai Khan, o imperador mongol a quem serviu durante vários anos: através de uma série de curtos textos, o escritor nos coloca diante de um mapa fictício no qual as cidades funcionam como mote para as discussões entre Khan e Polo, nas quais se discorre sobre filosofia, ciência, linguagem, representação, história, memória...

Relacionando as reflexões de Walter Benjamin (2000, 2007) a respeito do colecionador ao livro de Calvino, destacaremos três aspectos que nos interessam diretamente: as relações entre coleção e memória, o saber como coleção e a coleção como forma de ordenação do mundo. Seria possível, dessa maneira, pensar *As cidades invisíveis* como uma coleção de verbetes de uma vasta enciclopédia, repleta de entradas distintas e de percursos de leitura que podem compor um saber múltiplo e variável conforme os trajetos de leitura e investigação seguidos, entradas essas que se iluminam

e obscurecem simultaneamente; como uma coleção de relatos em que memória, conhecimento e ordenação do mundo são colocados em diálogo através da narrativa ficcional; como uma biblioteca particular de saberes diversificados.

2.1 Lugares de memória

Conforme Benjamin, um dos aspectos mais característicos de toda coleção é sua função mnemônica, o fato de que é responsável por fazer sobreviver as memórias dos objetos colecionados, por permitir sua sobrevida em outro tempo e espaço que não aquele em que originalmente se encontravam. É essa coleção de possibilidades, esse caos memorialístico que faz com que o colecionador se importe com toda a moldura que envolve o objeto colecionado: a época em que foi produzido, o local de que se origina, as marcas de seu processo de produção, aqueles a quem já pertenceu ou com o qual teve qualquer tipo de vínculo. Enfim, a coleção traz não apenas o objeto em si, mas toda a história que o complementa e lhe dá sentido, a memória do objeto. Por isso a afirmação de que “para o colecionador autêntico a aquisição de um livro velho representa o seu renascimento” (BENJAMIN, 2000, p. 229): ao tomar posse do objeto e incluí-lo na coleção, o colecionador garante a sobrevida desse objeto e de sua história, lançando-o num espaço de significação outro, no qual o mesmo poderá ser relido interminavelmente. Nessa perspectiva, a coleção funciona como um manancial de memórias, como um instrumento que permite ao passado inscrever-se no presente e no futuro, como uma conexão temporal: “Colecionar é uma forma de recordação prática e de todas as manifestações profanas da ‘proximidade’, a mais resumida” (BENJAMIN, 2007, p. 239).

Em *As cidades invisíveis*, é através dos relatos de Marco Polo que Kublai Khan elabora a imagem, o conhecimento e a memória de seu império: é por meio da narrativa, muitas vezes construída a partir dos objetos trazidos de suas viagens, que Marco Polo propicia a aproximação entre o imperador e seu mundo, a reflexão sobre suas conquistas, sua coleção de territórios, objetos, funcionários, súditos, criando uma espécie de mapa imaginário pelo qual Khan pode transitar:

... Recém-chegado e ignorando totalmente as línguas do Levante, Marco Polo só podia se exprimir extraindo objetos de suas malas: tambores, peixes salgados, colares de dentes de facoqueros e, indicando-os com gestos, saltos, gritos de maravilha ou de horror, ou imitando o latido do chacal e o pio do mocho. (...)

Mas o que Kublai considerava valioso em todos os fatos e notícias referidos por seu inarticulado informante era o espaço que restava em torno deles, um vazio não preenchido por palavras. As descrições das cidades visitadas por Marco Polo tinham esse dom: era possível percorrê-las com o pensamento, era possível se perder, parar para tomar ar fresco ou ir embora rapidamente (CALVINO, 2004, p. 41).

É, assim, nesse espaço constituído em torno do objeto que a memória se apresenta e abre seus caminhos, aproximando o distante, temporal e espacialmente, do colecionador. Tal aproximação, entretanto, como todo movimento marcado pela memória, é perpassada por seus artificios: traz simultaneamente o mesmo e o diverso, a presença e a ausência, a lembrança e o esquecimento, de forma que os caminhos por ela possibilitados são muitos, inclusive o de se perder. Ao ser questionado por Khan a respeito do fato de nunca referir-se à cidade de Veneza em suas narrativas, Marco Polo afirma que é ela a cidade sempre presente em todos os seus relatos, apesar da ausência da referência explícita, tentativa de preservação diante dessa perda iminente: “– As

margens da memória, uma vez fixadas com palavras, cancelam-se – disse Polo. – Pode ser que eu tenha medo de repentinamente perder Veneza, se falar a respeito dela. Ou pode ser que, falando de outras cidades, já a tenha perdido pouco a pouco” (CALVINO, 2004, p. 82).

Aproximando, por essa via, as noções de coleção, arquivo e biblioteca, nos vemos diante de lugares de memória,² de espaços no qual o passado e suas lembranças são peças importantes para a composição de um sentido novo. Biblioteca e arquivo seriam lugares de memória não por provocar uma eterna repetição da lembrança, mas sim por sua característica de renovação constante, uma vez que a memória e o esquecimento andam, necessariamente, juntos.

Similarmente à sobrevida propiciada pela tradução de que fala Benjamin, também na coleção “a vida do original alcança, de maneira constantemente renovada, seu mais tardio e vasto desdobramento” (BENJAMIN, 2001, p. 195). Nesse sentido, a biblioteca seria ao mesmo tempo motor de perpetuação e de rasura, de repetição e de diferença, de conversação entre passado e presente, espaço no qual o diálogo é o garantidor tanto da sobrevivência quanto da renovação.

2.2 Coleções de leituras

² É importante um esclarecimento em relação à utilização da expressão “lugares de memória”. Aproprie-me aqui da expressão cunhada por Pierre Nora (1993), mas investindo-a de um recorte no sentido por ele apresentado, não vinculado necessariamente à perda dos meios de memória social: trato o “lugar de memória” como um espaço no qual é possível trazer à tona as mais diversas lembranças através de objetos colecionáveis, colocados em relação em um novo e ordenado contexto, no qual essa memória encontra sua garantia de sobrevivência e ressignificação. É interessante destacar ainda outro aspecto que vem à tona quando pensamos em lugares de memória, que é a relação absoluta entre memória e espaço apontada pelos estudos da *ars memoria*, sendo a mnemotécnica construída substancialmente a partir da noção de “lugares de memorização”. Os lugares de memória são, assim, metáforas anteriores à determinação da expressão por Pierre Nora.

Outro aspecto abordado por Benjamin é a questão do saber como coleção: “Colecionar é um fenômeno primevo do estudo: o estudante coleciona saber” (BENJAMIN, 2007, p. 245). Ainda que Benjamin não desenvolva essa questão em seus textos sobre o colecionador, a ideia do conhecimento como coleção reverbera na reflexão de Ivette Sánchez sobre a leitura e a escritura como coleção: “o saber escrito se organiza em coleções de livros” (SÁNCHEZ, 1999, p. 101). A escritura se faz, assim, a partir de uma coleção de leituras, através da qual a memória aproxima o mesmo e o outro, num movimento de ressignificação constante.

Ricardo Piglia (1994, 1996), ao refletir acerca da relação entre tradição e memória na literatura, também adentra nessa questão. Partindo de uma concepção de literatura que nega o “mito do escritor espontâneo”, Piglia afirma que o escritor parte de sua coleção de leituras para produzir seu próprio texto, numa relação que mescla a memória e a criação, a conservação e a destruição. A tradição seria, assim, a própria memória do escritor, uma memória impessoal, composta de fragmentos e citações em que escrituras e lembranças se emaranham, um manancial de imagens a serem capturadas pelo escritor, “esses versos que estão sempre na memória e que sempre são outros” (PIGLIA, 1994, p. 46). Colecionar é, assim, ler, embaralhar e fazer colidir os diversos textos que se encontram à deriva e, no processo da escritura, ressignificá-los, deslocá-los, reterritorializá-los.

É possível pensar esse apropriar-se da palavra alheia, dessa coleção de informações, objetos, livros, dessa leitura do mundo, a partir da própria estrutura narrativa de *As cidades invisíveis*. Calvino recorre a leituras diversas para compor sua história, trazendo para o centro da ficção personagens históricas – como Khan e Polo – e literárias – como não pensar nas mil e uma histórias de Sheherazade? –, além de

reflexões advindas das mais diversas áreas do conhecimento, como a geografia, a psicologia, a semiótica, só para citar algumas. Não é à toa que o próprio escritor afirma acreditar que este é o livro no qual pensa “haver dito mais coisas”, talvez por ter “conseguido concentrar em um único símbolo todas as minhas reflexões, experiências e conjecturas” (CALVINO, 1995, p. 85), ao que poderíamos acrescentar, todas as leituras colecionadas ao longo de sua vida. E a questão ecoa em mais um dos diálogos travados entre Khan e Polo:

– Quando você retornar ao Poente, repetirá para a sua gente as mesmas histórias que conta para mim?

– Eu falo, falo – diz Marco –, mas quem me ouve retém somente as palavras que deseja. Uma é a descrição do mundo à qual você empresta a sua bondosa atenção, outra é a que correrá os campanários de descarregadores e gondoleiros às margens do canal diante da minha casa no dia do meu retorno, outra ainda a que poderia ditar em idade avançada se fosse aprisionado por piratas genoveses e colocado aos ferros na mesma cela de um escriba de romances de aventuras. Quem comanda a narração não é a voz: é o ouvido. (CALVINO, 2004, p. 123).

Ao colecionar as leituras e garantir sua sobrevivência em uma nova organização, a biblioteca – e o próprio texto – mostram-se como, além de lugares de memória, coleções de leituras.

2.3 Ordenações do mundo

Como vimos anteriormente, a narrativa de *As cidades invisíveis* é construída como uma forma de organização do império de Kublai Khan, para a qual utilizamos tanto a imagem do mapa quanto a da enciclopédia. As descrições das cidades são

classificadas por Calvino conforme a temática da qual se aproximam, estrutura que fica bastante clara quando observamos o índice do livro: são 9 partes, cada uma composta por cinco relatos, com exceção da primeira e da última, que apresentam 10 relatos cada. Iniciando e finalizando cada uma dessas partes, temos os diálogos trocados entre Polo e Khan.

Os relatos, por sua vez, são classificados conforme os seguintes temas, sendo sempre cinco narrativas curtas para cada um dos temas, numeradas sequencialmente: as cidades e a memória, as cidades e o desejo, as cidades e os símbolos, as cidades delgadas, as cidades e as trocas, as cidades e os olhos, as cidades e o nome, as cidades e os mortos, as cidades e o céu, as cidades contínuas, as cidades ocultas. Entre as partes dois e oito, essas temáticas dividem-se de modo que em cada uma das partes os temas não se repetem e sua sequência é sempre semelhante. A parte dois, por exemplo, é assim estruturada: As cidades e a memória 5, As cidades e o desejo 4, As cidades e os símbolos 3, As cidades delgadas 2, As cidades e as trocas 1. Esse modelo irá se repetir nas demais partes.

A coleção de cidades do império de Kublai Khan retoma, assim, uma das características do colecionismo apontadas por Benjamin, que é a da ordenação e classificação do mundo a partir dos objetos colecionados:

Pois o que é a posse senão uma desordem na qual o hábito se acomodou de tal modo que ela só pode aparecer como se fosse ordem? (...) Nesse domínio, toda ordem é precisamente uma situação oscilante à beira do precipício. (...) Na prática, se há uma contrapartida da desordem de uma biblioteca, seria a ordenação de seu catálogo.

Assim, a existência do colecionador é uma tensão dialética entre os pólos da ordem e da desordem (BENJAMIN, 2000, p. 228).

O processo de ordenação seria, assim, inerente ao próprio ato de colecionar, uma vez que “uma biblioteca que não se ordena se desordena” (PEREC, 2001, p. 31). Ao retirar um objeto de seu contexto original e incluí-lo em um novo conjunto significativo – a coleção – inicia-se um processo de reorganização desses objetos e de construção de uma nova ordem para eles, marcada normalmente pelo critério da semelhança.³

É decisivo na arte de colecionar que o objeto seja desligado de todas as suas funções primitivas, a fim de travar a relação mais íntima que se pode imaginar com aquilo que lhe é semelhante. Esta relação é diametralmente oposta à utilidade e situa-se sob a categoria singular da completude. O que é esta “completude”? É uma grandiosa tentativa de superar o caráter totalmente irracional de sua mera existência através da integração em um sistema histórico novo, criado especialmente para este fim: a coleção (BENJAMIN, 2007, p. 239).

Evidencia-se, assim, o caráter arbitrário de toda ordem, de toda classificação: a coleção é criada como tal, seu aspecto de unidade e a nova forma de organização que dá ao mundo que engloba é uma ficção. Para pensarmos a biblioteca como figura epistemológica precisa-se estar consciente, portanto, de seu caráter construído, e atento para as possibilidades de reflexão que podem ser trazidas pela não naturalização dessas coleções.

³ Nesse sentido é interessante retomar o prefácio de Foucault ao livro *As palavras e as coisas* e refletir sobre a questão do tornar esse novo conjunto de objetos, a coleção, reconhecível a partir da construção de uma ordem baseada no Mesmo, na semelhança, o que possibilita uma identidade para ela. Foucault inicia seu texto citando a enciclopédia chinesa de Jorge Luis Borges e colocando o desconforto por esta provocado justamente na forma de sua ordenação. Conforme Foucault, o que causa estranheza não são os animais impossíveis citados, e sim o fato de serem reunidos a tipos que em nada se assemelham a eles, ou seja, “a série alfabética (a, b, c, d) que liga a todas as outras cada uma dessas categorias” (FOUCAULT, 2002, p. X). O que falta à enciclopédia chinesa borgiana é um critério de ordenação que se baseie na semelhança e assim permita que a estabeleçamos como uma coleção identitária.

3 A biblioteca, coleção de livros

Ao longo desse texto procuramos abordar a biblioteca em Italo Calvino tomando como eixo referencial a coleção e algumas de suas características. No entanto, a biblioteca, como coleção de livros, apresenta, além desses pontos comuns, aspectos particulares que a diferenciam das demais coleções, a partir dos quais procuraremos concluir nossa reflexão.

Conforme Benjamin, um dos elementos identificadores das coleções é a retirada de seus objetos de suas relações primeiras e com isso seu deslocamento e a abolição de sua funcionalidade. Esta característica, no entanto, não se aplicaria à coleção de livros: “Seria interessante estudar o colecionador de livros como o único que não necessariamente desvinculou seus tesouros de seu contexto funcional” (BENJAMIN, 2007, p. 241). A biblioteca, assim, seria uma coleção na qual os objetos mantêm sua funcionalidade original.

Talvez justamente por esse caráter multifacetado e multiplicador de possibilidades a biblioteca e os livros sejam imagens tão emblemáticas para muitos escritores, marcadas pelas ideias do conhecimento do mundo, da infinitude. Como “toda estante vazia é um anúncio de livros por vir” (MANGUEL, 2006, p. 75), pensar a biblioteca como um modelo possível de produção de conhecimento é também pensar o saber como um processo contínuo e infindável, múltiplo e dinâmico. Assim como nenhum arquivo ou biblioteca um dia será total, a produção de um saber narrativo nunca será também completa e unívoca: através da narrativa é possível a construção de um saber que agrega em si a diversidade e se produz numa zona fronteira que ele mesmo constantemente desloca e altera, um saber marcado pela mudança e pela transitoriedade, enfim, pelo que Calvino chama de incapacidade de concluir.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENJAMIN, Walter. Desempacotando minha biblioteca. Um discurso sobre o colecionador. In: BENJAMIN, Walter. *Rua de mão única*. Obras escolhidas. V. II. Tradução de Rubens Rodrigues Torres Filho e José Carlos Martins Barbosa. São Paulo: Brasiliense, 2000. p. 227-235.

BENJAMIN, Walter. A tarefa-renúncia do tradutor. In: HEIDERMANN, Werner (Org.). *Clássicos da teoria da tradução*. Tradução de Susana Kampff Lages. Florianópolis: UFSC/Núcleo de Tradução, 2001. p. 188-215.

BENJAMIN, Walter. O colecionador. In: BENJAMIN, Walter. *Passagens*. Tradução de Irene Aron e Cleonice Paes Barreto Mourão. Belo Horizonte: Ed. UFMG; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2007. p. 237-246.

CALVINO, Italo. *Seis propostas para o próximo milênio*. Tradução de Ivo Barroso. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

CALVINO, Italo. *Se um viajante numa noite de inverno*. Tradução de Nilson Moulin. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

CALVINO, Italo. Il libro, i libri. In: CALVINO, Italo. *Mondo scritto e mondo non scritto*. Milano: Mondadori, 2002. p. 126-141.

CALVINO, Italo. Per chi si scrive? (Lo scaffale ipotetico). In: CALVINO, Italo. *Una pietra sopra: discorsi di letteratura e società*. Milano: Mondadori, 2002a. p. 193-198.

CALVINO, Italo. *As cidades invisíveis*. 2. ed. Tradução de Diogo Mainardi. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

FOUCAULT, Michel. *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. 8. ed. Tradução de Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

MANGUEL, Alberto. *A biblioteca à noite*. Tradução de Samuel Titan Jr. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

NORA, Pierre. Entre memória e história. A problemática dos lugares. *Projeto História*, São Paulo, n. 10, p. 7-28, dez. 1993. Tradução de Yara Aun Khoury.

PEREC, Georges. *Pensar/clasificar*. 2. ed. Barcelona: Gedisa, 2001.

PIGLIA, Ricardo. *O laboratório do escritor*. Tradução de Josely Vianna Baptista. São Paulo: Iluminuras, 1994.

PIGLIA, Ricardo. Ficção e teoria: o escritor enquanto crítico. *Travessia Revista de Literatura*, Florianópolis, n. 33, ago./dez. 1996, p. 47-59. Tradução de Raul Antelo.

SÁNCHEZ, Yvette. *Coleccionismo y literatura*. Madrid: Cátedra, 1999.